

## COMUNICAÇÃO UBÍQUA

SANTAELLA, Lucia, Comunicação Ubíqua - Repercurssões na cultura e na educação. São Paulo: Editora Paulus, 2013, 1ª. Edição.

Apresentar essa obra em tempos que vivenciamos um fechamento de fronteiras coloca-nos à frente não só de um arcabouço teórico para compreender as ecologias comunicacionais, mas compreender as contribuições sobre as questões sociais, tecnológicas e culturais que nos impõe.

A autora é Maria Lucia Santaella Braga, possui mais de 40 livros publicados, é professora titular da PUC-SP, com doutoramento em teoria literária e livre-docência em Ciências da Comunicação na ECA/USP.

Nesta obra ela nos instiga a pensar a ubiquidade e a sua viabilidade em tempos de mobilidade e conectividade contínua. E nos desafio a contrapor as leis da Física (que um mesmo corpo não pode ocupar o mesmo lugar do espaço ao mesmo tempo). Com a leitura temos acesso a um panorama histórico do estado da arte da Web, em que saímos de uma perspectiva informacional, para um forte impacto comunicacional das mídias, num despontar da mobilidade com ferramentas sem fios e portáteis, até chegarmos num movimento ubíquo - marcados pela computação: na invisibilidade (quanto menos perceptível melhor), pró-atividade (antecipar a decisão do usuário), interfaces naturais (comunicação natural), descentralização, entre outras possibilidades que vão se atualizando, marcado pelas tecnologias "inteligentes" que unem máquinas, corpos e cidades numa simbiose.

O que tornou possível essa ubiquidade foi o Ciberespaço (espaço com existência própria, que é móvel, fluído e líquido, em que circulam novos corpos, mentes). Isso tudo marca novos artefactos marcado com o visual, verbal, sonora, com uma diversidade de representações, numa vivência espacial e virtual com novas relações sociais. Em que se cruzam múltiplas especialidades, num espaço físico de pervasivo, que para a computação é marcado como uma portabilidade conectada, em que as informações são disponibilizadas de acordo com o contexto e com a necessidade do utilizador.

Lança-nos no desafio, que encaramos como um novo paradigma acompanha os movimentos do *D-learning*, *E-learning*, *M-learning* nos desafiando ao *U-learning* (Souza, 2017).

Ao caracterizar as cinco gerações tecnológicas que fizeram emergir a comunicação via computador, apresenta um panorama histórico, em que a tecnologia da linguagem se divide em cinco gerações – a partir da cultura de massa, a chamar: 1. Reprodutível (reprodutibilidade - Jornal, revista); 2. Difusão (indústria cultural - TV e Rádio); 3. Disponível (segmentados- tv cabo, vídeo cassete); 4. Acesso (conversão única linguagem para todos os tipos de texto); 5. Conexão contínua (rompe fronteiras tempo e espaço)

1. Karine Pinheiro Professora da Rede Estadual @Phd Minho University Postdoctoral Researcher Aveiro University

Assim, sai do acesso, que é o traço mais marcante do espaço virtual em que a comunicação se realiza, graças à conversão em uma “única linguagem informática”, a multimodalidade dos textos. E, que atualmente se aprofunda numa tecnologia de conexão contínua.

Ao fazer esse resgate da tecnologia da linguagem, a autora destaca que somos nômades, somos móveis, costumamos acessar a web, estamos nessa conexão contínua nos mais diversos locais, ônibus, escola, café. Os fluxos de informação são imensos, podemos nos comunicar, informar em qualquer tempo e lugar!

Ao aprofundar reflexões filosóficas, computacionais, culturais, sociais, comunicacionais nos apresentando a convivência com a internet das coisas, as novas interfaces na cidade e no corpo, as ambivalências desse mundo conectado com seus dilemas, sortilégios, suas políticas, suas relações intersubjetivas, os dilemas do tempo e de uma vida online. Isso tudo numa literatura expandida – do impresso ao digital, desse novo leitor ubíquo, que nos faz desaguar num conceito da aprendizagem ubíqua.

Entretanto, para que tenhamos essa potencialidade educacional é preciso considerar a linguagem, o conteúdo, o letramento e a educação, preciso considerar a hipercomplexidade da ecologia cultural e cognitiva que é constituída por um novo tipo de leitor híbrido que tem a ubiquidade como potência coadjuvante.

Uma das marcas desse movimento ubíquo é a interatividade, pois estamos diante de tecnologias de inteligência que alteram nossa forma de armazenar, manipular e dialogar, marcada por espaços multifacetados que podem reforçar e incrementar a disseminação do conhecimento, com a hipermobilidade.

E tudo isso se consolida num processo dinâmico, ativo que produz mudanças cognitivas e comportamentais. Isso que a autora chama de aprendizagem ubíqua, quando vivenciamos processos de mobilidade, com acesso livre à informação, em qualquer tempo e espaço.

Com isso, ampliando-se o contexto para aprender a qualquer hora e lugar, afinal “corpos e mentes têm acesso a redes informacionais através dos mais variados dispositivos móveis”. Isso coloca-nos à frente os desafios educacionais e por isso a necessidade de pensar nossas pedagogias para que sejam abertos, espontâneos, assistemáticos, até caóticos, mobilizado pela curiosidade contingente. (p.4321)

Essa leitura se torna essencial para fundamentar nossos trabalhos frente a um novo paradigma que nos desafia a abandonar a velha dicotomia epistemológica entre sujeito e objeto, para explorar as transmutações do humano face à sua mescla com esses novos seres sencientes que estão emergindo.

Essa obra além da euforia da temática coloca-nos em profunda reflexão sobre os valores, conhecimento, fazeres, o outro lado da moeda marca da autora, ao tratar um tema à frente do seu tempo, que em 2020 se torna imensamente pertinente nos dias de quarentena em que estamos isolados, embora conectados devido a pandemia do COVID19.

Torna-se fundante a leitura para que possamos compreender que não basta ter acesso, estar conectado por meio de um computador, *smartphone* é preciso criar uma abordagem para que a pessoa possa sentir-se implicada naquele novo espaço – saindo do seu espaço para desterritorializar-se, compartilhar, engajar-se no ciberespaço, colaborando e construindo juntos.

Mobilizações dessa natureza, eram impossíveis a 5000 anos, hoje temos as estruturas digitais de texto, som, áudio, vídeo, de forma híbrida, conectamos ideias para que os participantes sintam-se acolhidos. Tivemos vários exemplos formativos com o uso do *Hangout Meet*, *Zoom*, *Skype* e até a continuidade em e-fóruns em ambientes virtuais, numa constante busca do aprender.

Por isso, recomendamos a leitura da obra sob uma lente ecológica, como nos alerta Leonardo Boff (2014), para ampliar o significado das sociabilidades para reconhecer novas formas de aprender e ensinar.